

Pós-graduação em tempos de precarização do trabalho: alongamento da escolaridade e alternativa ao desemprego

VALÉRIA MATTOS

São Paulo: Xamã, 2011, 135p.

*Elaine Amorim**

O desemprego corresponde a um dos principais problemas enfrentados pela juventude, que, uma vez sem acesso aos empregos formais, tende a ocupar os postos de trabalho caracterizados por contratos desregulamentados e por condições de trabalho precárias, ao mesmo tempo em que é confrontada às exigências de maior qualificação para a obtenção e/ou manutenção de um emprego. Essa realidade caracterizada pela falta de empregos e pela precarização profissional é analisada no livro *Pós-graduação em tempos de precarização do trabalho*, que resultou da dissertação de mestrado defendida, em 2007, por Valéria Mattos. Tomando como referência o estudo de Stéphane Beaud e Michel Pialoux (*Retorno à condição operária*), a pesquisa foi motivada pela percepção de dois fenômenos que acometem os jovens prestes a concluir a graduação ou já formados: o alongamento da escolarização e o estreitamento de oportunidades profissionais. Fenômenos que estão imbricados, uma vez que este último, ao atingir os jovens, lhes impõe a continuidade dos estudos diante da falta de ofertas de emprego e enquanto não se consegue uma colocação profissional. Por isso, tendo como objetivo compreender o “desemprego entre os jovens profissionais na contemporaneidade” (p.20), a autora analisou o alongamento da escolarização adotada por uma parcela da

* Pós-doutoranda em Ciência Política no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp (IFCH-Unicamp).

juventude com diploma universitário, como uma estratégia de enfrentamento (“ou mascaramento?”) do desemprego e das condições precarizadas de trabalho.

Para tanto, Mattos realizou uma pesquisa empírica junto a um grupo de pós-graduandos de nove cursos de mestrado da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e analisou a trajetória profissional intergeracional dos mestrandos, seus pais e avós. É destacável o conjunto de dados coletados e a análise feita com o suporte de uma ampla bibliografia. A título de exemplo, na amostra composta por 117 mestrandos, 80% tinham até 30 anos de idade; 54% estavam desempregados – nesta porcentagem 14% nunca tinham trabalhado; 62% não recebiam bolsa de estudo e 71% retornaram à universidade no período de dois a seis anos após ter concluído a graduação. Tais dados demonstram, para o universo pesquisado, o alongamento da escolarização pelos jovens com até 30 anos (que compõem o segmento etário com o maior índice de desemprego no país), seja como uma forma de adiar o ingresso no exercício da profissão, como parece ser o caso daqueles que nunca trabalharam, seja como uma alternativa à inatividade e à necessidade de uma capacitação acadêmica que lhes possibilite melhores condições para competir no mercado de trabalho.

Embora a educação alongada como estratégia individual de enfrentamento do desemprego e das condições precárias de trabalho não corresponda a um fenômeno recente no Brasil, ela apresenta, como demonstra Mattos, novas características decorrentes da reestruturação do mercado de trabalho, do novo padrão de acumulação e da revitalização da Teoria do Capital Humano. Enquanto na década de 1980 os “estratos médios da população” procuravam nos cursos de graduação a alternativa para a sua inserção profissional e realização das suas expectativas de ascensão social, a partir dos anos 1990 essa procura deslocou-se, segundo a autora, para os cursos de pós-graduação *latu sensu* e *stricto sensu* (p.56). Aqui se encontra, então, uma das novidades apontadas pela pesquisa.

Esse alongamento da escolarização, conforme discutido no livro, não só foi acompanhado por uma redefinição da faixa etária juvenil, que passou a compreender pessoas com 14 a 30 anos de idade, devido às dificuldades, cada vez maiores, de inserção profissional desse segmento etário, como ocorreu em um contexto no qual se tentou transferir o problema do desemprego para a educação e adequá-la a uma lógica mercantil e utilitarista. Daí a revitalização da Teoria do Capital Humano e sua promessa de ascensão social por meio do alongamento da escolarização e da aquisição de qualificações, como também a difusão da “pedagogia das competências” e da “educação permanente”, que defendem uma prática educacional coesa às exigências da “acumulação flexível” (polivalência, flexibilidade, autonomia) e uma educação continuada que evite, em tese, a obsolescência do trabalhador diante das rápidas mudanças do mercado de trabalho.

Mattos, todavia, desconstrói a falaciosa ideia do alongamento da escolarização como instrumento para a ascensão social e da educação como a resolução do desemprego. Os dados empíricos contribuem para essa desconstrução: entre os pós-graduandos investigados, além da expressiva porcentagem de desempregados,

65% dos que trabalhavam exerciam atividades laborais sem vínculo empregatício (p.120), isto é, apesar de possuírem um nível de escolaridade acima da média brasileira, não estavam protegidos da informalidade; o que dá uma noção da magnitude do desemprego e da sua coexistência com a precarização, como coloca em xeque a associação entre maior escolaridade e acesso a melhores postos de trabalho.

Conforme é argumentado, o alongamento da formação educacional não assegura, necessariamente, uma oportunidade de emprego, mas sim tem sido acompanhado por uma sofisticada seleção da força de trabalho qualificada que, além de reproduzir as segregações raciais e de gênero, contrata trabalhadores de nível superior para postos de trabalho com nível inferior. A despeito desses aspectos, a demanda por cursos, cujo pré-requisito seja a graduação concluída, tende a aumentar diante da “inflação de diplomas” concedidos, inclusive, pelas instituições privadas criadas nos últimos anos, sob o incentivo do governo, no bojo de uma política que privilegia a “expansão territorial de cursos privados” (p.84).

A pesquisa de Mattos é, portanto, uma importante contribuição para o entendimento do estreitamento de oportunidades de trabalho que atinge uma parcela “elitizada” da juventude, que integra os 3,43% da população brasileira com diploma universitário, mas que não está protegida da precarização e da falta de empregos. Nesse sentido, o estudo revela as particularidades do alongamento da escolarização para esses “estratos médios da população”, que passam a buscar os cursos de pós-graduação como alternativa ao desemprego. Mas essa busca tampouco é garantia de uma colocação profissional ou mesmo de obtenção de renda, por meio de bolsa. Basta observar, neste caso, o número de investigados sem bolsa e de mestres e doutores formados anualmente.

A pesquisa apresenta também aspectos importantes sobre a trajetória intergeracional dos mestrandos, como outros elementos relacionados à persistência da sua origem socioeconômica, à sua trajetória escolar e à sua renda domiciliar, que nos permitem diferenciar as estratégias desse grupo em relação aos jovens dos setores populares. Afinal, estes combinam desde muito cedo, trabalho e escola, ou são levados a abandonar os estudos e a retomá-los posteriormente; embora também prolonguem a sua escolarização, esse alongamento consiste no acesso ao ensino superior privado e, provavelmente, não é a principal forma de evitar o desemprego, praticada enquanto não se consegue uma colocação profissional. Ao contrário, a busca por trabalhos temporários, com salários baixos e condições de trabalho precárias, consiste na alternativa encontrada por esses jovens para assegurar a sua subsistência e o acesso a uma ocupação.

Tais distinções demonstram que a juventude não é uma categoria homogênea, pois nela repercutem as relações de classe, raciais e de gênero. Em seu livro, Mattos consegue mostrar as articulações entre essas relações, a educação e o mercado de trabalho, ao focar-se nos jovens graduados. Se os resultados da pesquisa não permitiram concluir que a pós-graduação é uma alternativa ao desemprego para todos os investigados, o livro instiga nos leitores o interesse pelo próximo trabalho da autora, que certamente dará pistas sobre essa questão.

CONSULTE A BIBLIOTECA VIRTUAL DA *CRÍTICA MARXISTA*

<http://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista>

CRÍTICA marxista

A crise atual do capitalismo
DOSSIÊ

Crise ecológica e socialismo
Victor Wallis

Forças produtivas em Marx
Claus M. Germer

Leituras de Gramsci
Bob Jessop

Sobre *O capital*
Rosa Luxemburgo

29

AMORIM, Elaine. Resenha de: MATTOS, Valéria. Pós-graduação em tempos de precarização do trabalho: alongamento da escolaridade e alternativa ao desemprego. São Paulo: Xamã, 2011, 135p. *Crítica Marxista*, São Paulo, Ed. Unesp, n.35, 2012, p.179-181.

Palavras-chave: Universidade; Educação; Trabalho; Precarização.